

MÉTODO BIOGRÁFICO OU DAS HISTÓRIAS DE VIDA: NOTAS SOBRE O SEU DESENVOLVIMENTO E APLICAÇÃO À INVESTIGAÇÃO DAS TOXICODPENDÊNCIAS

2016

Rui Tinoco
Phd, psicólogo clínico

E-mail de contato:
ruitinoco28@gmail.com

RESUMO

Faremos neste trabalho um traçado histórico sobre a afirmação da corrente teórico-metodológica designada, genericamente, por histórias de vida ou abordagem biográfica. Abordaremos as origens deste tipo de abordagens; o ressurgimento das histórias de vida a partir dos finais dos anos 60. De seguida, abordaremos o tema da abordagem biográfica das toxicodpendências. Faremos uma perspetivação da toxicodpendência como uma biografia.

Palavras-chave: Abordagem biográfica, histórias de vida, investigação qualitativa, toxicodpendência, comportamentos aditivos.

Faremos aqui um traçado histórico sobre a afirmação da corrente teórico-metodológica designada, genericamente, por histórias de vida ou abordagem biográfica. As autobiografias dos indivíduos são sínteses psico-sociais de significado como propõe Ferraroti (1983) constituindo-se assim, como um lugar privilegiado de cruzamento de várias propostas disciplinares. A história do indivíduo é uma actualização psicológica das condicionantes sócio-culturais e sócio-económicas em que o sujeito se encontra imerso.

Ao traçarmos uma visão panorâmica destas correntes, veremos surgir a antropologia, a sociologia, a etnografia e, mais tarde, a psicologia a interessarem-se pelas propostas biográficas (Tinoco & Pinto, 2001). Constataremos que os objectivos das investigações ir-se-ão alargando a



áreas como as da descoberta de vivências de populações ocultas, à formação de adultos e orientação profissional, ou à intervenção psicológica propriamente dita. Por fim, realçaremos a importância destas metodologias na investigação das toxicodependências.

Percorreremos assim quatro etapas, a saber: análise das origens deste tipo de abordagens; o estudo do ressurgimento das histórias de vida a partir dos finais dos anos 60; faremos depois referência de pesquisas biográficas na área das toxicodependências; terminaremos com uma breve perspetivação da toxicodependência como uma biografia.

As origens: dos dados proto-etnográficos aos primórdios da etnografia

Não nos podemos esquecer que, a escrita autobiográfica adquiriu algum relevo ao longo do século XIX. No jornalismo, Mayhew constitui-se como figura pioneira na recolha de material biográfico na Londres oitocentista (Neves, 1997). Se os motivos de explicação desse progressivo interesse pelas vidas dos outros ultrapassam o âmbito destas páginas, não podemos deixar de listar dois factores chave:

- a emergência de um movimento cultural que privilegia as dimensões individuais;
- o facto do crescimento urbano tornar as classes sociais estranhas entre si (facto que pode inclusive desencadear momentos de pânico moral - S. Cohen, 1994) e como tal podem constituir as histórias de vida como um modo de interconhecimento.

Este último factor ocorreu precocemente em Chicago, onde o uso de material biográfico viria a ter um incremento notável. A tentativa de conhecer classes sociais e comunidades estranhas ao *main stream* não foi, certamente, alheia ao facto.

A antropologia foi a primeira ciência, já no século XIX, a utilizar a recolha de histórias de vida como instrumento de investigação (Bertaux, 1989) e o seu uso centrou-se inicialmente no estudo de comunidades de índios. Logo nas origens definiu-se, pela pragmática, uma das principais utilizações das abordagens biográficas: o desvendar regras e cosmovisões, por assim dizer, de culturas estranhas à cultura dominante.

O contexto deste uso da biografia era especialmente o da tribo exótica, o do lugar longínquo. O advento da sociologia na Universidade de Chicago viria a modificar radicalmente esses contextos e a fornecer um forte enquadramento epistemológico à sua utilização.

Operou-se então uma mudança, no que diz respeito ao âmbito de aplicação destes métodos. Robert Park foi o principal mentor do uso de métodos antropológicos no estudo de populações urbanas, defendendo abertamente e encorajando os investigadores do departamento que dirigia a praticarem técnicas de observação participante nos seus estudos (Ingold & Toussirt, 1998; Hannerz, 1986).



O uso de biografias ou, mais genericamente, de material biográfico nessas primeiras investigações, era secundário (Penneff, 1990). Por outras palavras: o material biográfico era uma entre muitas outras fontes de informação. A combinação de níveis analíticos era característica da Escola de Chicago e, conseqüentemente, muitos dos seus investigadores socorriam-se, concomitantemente, de fontes directas (uso de entrevistas, observação naturalista) e de fontes indirectas (cartas, registos oficiais; utilização de informantes exteriores ao meio de estudo mas em contacto com ele). Das poucas monografias de Chicago que se dedicaram exclusivamente à dimensão biográfica, realçamos duas: Shaw (1930) na sua obra *The Jack Roller* e Sutherland (1937) com *The Professional Thief*.

Antes, porém, de nos debruçarmos sobre estas duas obras, vamos estudar os itinerários dos métodos biográficos como uma técnica entre outras; só depois, traçaremos os caminhos da sua progressiva autonomização.

A autobiografia como parte de um projecto

O estudo de Thomas e Znaniecki sobre o movimento migratório polaco é o primeiro grande estudo a utilizar material biográfico. Os autores trouxeram a lume nessa obra, inclusive, uma autobiografia de um emigrante polaco (Pineau & Le Grand, 1993). Apesar de não estar grandemente explorada, esta autobiografia constitui-se como marco histórico e, em conjunto com outro material biográfico (como entrevistas ou documentos pessoais - p. e. correspondência), como objecto de estudo.

Thomas convidou, para o departamento de Sociologia, Robert Park a quem já nos referimos e que, juntamente com Burgess, iria impulsionar a investigação de maneira notável. Muitos alunos foram então convidados a produzirem a sua própria autobiografia ou a biografia da sua família, como forma de testarem a sua vocação para o curso. Na sua própria origem, está já inscrita uma outra das aplicações das histórias de vida: a formação pedagógica e profissional. Posteriormente, autores como Vassilef (1995), Dominicé (1996) ou Legrand (1993) tentam explorar as potencialidades das biografias como instrumentos de formação pedagógica e também terapêutica.

Os alunos da Universidade de Chicago foram incentivados, especialmente por Park, a irem estudar os mundos sociais desviantes com quem tinham algum contacto pessoal. Assim, por exemplo, Landesco, de proveniência italiana, estudou o mundo dos *gangs* no tempo da proibição do álcool; Thrasher estudou *gangs* juvenis nos quais chegou a fazer-se admitir temporariamente; Anderson, que outrora fora *hobo* (espécie de sem abrigo), estudou o mundo e as regras de funcionamento da *hoboémia*. Poderíamos continuar, referindo ainda os trabalhos de Cressey (*Taxidance Hall*) ou os de Frazier ou ainda de Johnson com população negra imigrada do sul da América. No entanto, pretendemos sobretudo sublinhar o facto de, em grande parte



destes trabalhos, ser utilizado material biográfico recolhido em ambiente naturalista ou mesmo em entrevistas mais estruturadas (Hammersley, 1989).

De facto, o material biográfico ainda não se tinha constituído como forma de observação e de estudo autónomo.

Dois estudos autobiográficos de caso único

Dos estudos de Chicago acima referidos - e recordemos que as monografias dirigidas por Park e colaboradores chegaram a ascender à centena - poucos se dedicaram exclusivamente a casos isolados. Shaw e Sutherland, com os trabalhos já referidos, constituíram-se como clássicos na área das autobiografias singulares.

Contudo e ao longo dos anos, problemas metodológicos foram postos por vários autores a propósito das potencialidades e limites deste método. Desde já, à história de vida de caso único põe-se o problema da representatividade - a biografia escolhida deverá então, ser um caso especialmente ilustrativo. Depois, e apesar deste problema se poder estender às histórias de vida cruzadas, que procedem através da acumulação de registos, existe o problema da memória e da reconstrução do passado. A Stanley, o Jack Roller investigado por Shaw, foi-lhe pedida a realização de uma segunda autobiografia quando ele era muito mais velho: observou-se um empobrecimento da qualidade do material recolhido e algumas contradições em relação ao estudo original (Peneff, 1990).

Shaw trabalhou em Chicago, num dispositivo de acompanhamento de jovens condenados, pelo que teve oportunidade de acompanhar o percurso de Stanley durante um período de sete anos, ao longo dos quais pôde ir recolhendo material biográfico. É de realçar que a autobiografia ia sendo explorada e aperfeiçoada em conjunto pelo investigador e pelo entrevistado o que veio a levar Peneff (1990) a chamar a atenção para a fronteira imprecisa que separa a autobiografia e a biografia neste tipo de estudos.

A Shaw, interessou explorar dimensões sociológicas na história de vida do seu colaborador, vir-se-iam a denominar estas biografias de histórias de vida sociais e a sua obra principia, precisamente, com uma fundamentação do valor deste tipo de dados para a compreensão dos percursos individuais. Prossegue igualmente através das detenções e acontecimentos de vida de Stanley. Neste aspecto, Shaw diferencia-se um pouco de Sutherland, uma vez que, neste autor, o percurso biográfico encontra-se mais diluído na descrição de um mundo social desviante.

De facto, Sutherland, sete anos mais tarde, viria a fazer um estudo com *design* metodológico semelhante, partindo dos depoimentos de Chic Conwell, um ladrão profissional, reformado após vinte anos no activo. O autor tenta compreender as regras, as vivências e as

especialidades criminais do mundo da delinquência, pelo que o testemunho de Conwell foi completado por entrevistas de outros actores ligados, directa ou indirectamente, a essas actividades – como outros ladrões profissionais, polícias, donos de lojas que foram roubadas, entre outros. Baseando-se numa reflexão autobiográfica, porque as vivências de Conwell são a matéria-prima da obra, Sutherland não faz uma autobiografia: constrói antes uma descrição exaustiva e detalhada de um mundo desviante, possuidor dos seus próprios códigos de conduta e do seu vernáculo (no final da obra Sutherland chega mesmo a construir um pequeno dicionário do calão mais utilizado pelos ladrões profissionais).

Biografia ou autobiografia?

Biografia ou autobiografia? Com esta interrogação, evocam-se muito as riquezas e as limitações das histórias de vida. O investigador solicita a um indivíduo que relate a sua vida mas, simultaneamente, constrói-a com o sujeito. Frequentemente, o investigador explora o material biográfico conforme o seu interesse, solicita nova sessão para detalhar este ou aquele aspecto. Noutras ocasiões, completa aspectos do seu estudo com familiares ou outras pessoas que são próximas do sujeito que estuda. Tornam-se, também estes, co-autores de uma autobiografia que não é a sua.

É claro que qualquer observação científica interfere com o que está a ser observado e este facto é já aceite até pelas próprias ciências ditas exactas. Muita reflexão tem sido dedicada ao valor heurístico do método: será que é preciso confirmar a validade do que é relatado? Será que a deformação do relato é, em si mesma, significativa? A história de vida única vale por si, ou é necessário proceder à acumulação de registos?

Muitas destas observações mantêm-se pertinentes e dependem dos objectivos de cada investigação em particular. A vantagem das histórias de vida, na nossa opinião, reside precisamente no facto de permitir uma grande maleabilidade do método em relação aos propósitos do investigador e de permitir aceder à perspectiva longitudinal do percurso dos sujeitos estudados.

Estranhamente, a psicologia manteve-se arredada de todos estes propósitos, talvez porque esta ciência desde cedo abraçou o projecto positivista da quantificação e o *behaviorismo* reduziu o psiquismo aos comportamentos observáveis. O grito de Politzer (1928), chamando a atenção para o facto de o objecto da psicologia dever ser o estudo da *gramática da existência* ou das regras que permitem compreender o percurso dos indivíduos, soa aqui extremamente precoce. Durante décadas permaneceria no esquecimento...

Allport (1942), em plena segunda guerra mundial, advoga o interesse do uso de material biográfico na psicologia, aproximando-se desta tradição mais antropológica e sociológica. A sua obra *Letters from Jane* (Allport, 1965) afirmou-se como clássico na área das perspectivas

biográficas. Nessa obra a correspondência pessoal é a principal fonte de material de análise.

Ressurgimento das histórias de vida

As histórias de vida, bem como os métodos qualitativos em geral, tenderam a ser esquecidos durante algumas décadas. O imperialismo quantitativista, de óbvias raízes positivistas, tendeu a ditar as suas leis, especialmente a partir da segunda guerra mundial. No entanto, o renascimento da abordagem biográfica viria a registar-se entre as décadas de sessenta e oitenta em diversos países francófonos e anglo-saxónicos.

Digneffe & Becker (1997) atribuem tal renascimento a uma progressiva falência de certas tentativas explicativas de pendor mais generalista. Pineau & Le Grand (1993), por sua vez, chamam a atenção para o papel que o interesse progressivo pelo conhecimento de minorias e de formas culturais em vias de extinção poderia ter tido nesse ressurgimento. A vertente tecnológica não é, de todo, de desprezar: a possibilidade de fácil acesso a dispositivos que permitem a gravação de entrevistas, facilitou que este tipo de estudos fosse efectuado com mais frequência e com maior rigor.

O testemunho de Bertaux é assaz curioso para a compreensão da perda de hegemonia da visão quantitativa. O seu percurso de sociólogo principiou, precisamente, por um estudo exaustivo dos métodos de questionários, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de programas informáticos. Subitamente, o Maio de 1968 fez com que este autor se confrontasse, com a imprevisibilidade do mundo social. Posteriormente, de uma forma progressiva, principiou a modificar a sua visão da ciência, a libertar-se do jugo positivista, isto à medida que ia explorando novas possibilidades e métodos. Até abraçar uma postura epistemológica de cariz inovador...

Novas investigações biográficas

A antropologia foi, mais uma vez, um pólo importante no relançamento dos métodos biográficos. O movimento por ela desencadeado irá produzir frutos duradouros, a ponto de actualmente se poder falar, é nossa opinião, de uma *corrente biográfica*. Esta corrente tende a unir em seu torno dimensões sociológicas, antropológicas e psicológicas. O ano de 1961 foi decisivo: nesse ano Lewis publicou o seu trabalho fundador *The Children of Sanchez*, em que parte da construção de diversas autobiografias de uma família moradora na *Casa Grande* (espécie de bairro social mexicano) para compreender e estudar o modo de vida das classes sociais desfavorecidas do México.

O propósito é holístico: trata-se de abarcar a própria cosmovisão dos sujeitos estudados nas mais variadas áreas, desde as crenças religiosas, às práticas sociais, de trabalho, aos padrões



de relações afectivas e sexuais, entre outros. A decisão de fazer diversas autobiografias respeitantes a vários membros da mesma família enriqueceu metodologicamente o projecto de duas maneiras: serviria de teste interno à veracidade dos factos recolhidos e, por outro lado, serviria também para analisar as diferentes perspectivas dos autobiografados sobre o mesmo acontecimento.

Lewis sublinha ainda a importância das novas tecnologias para o relançamento deste tipo de estudo: o magnetofone permitiu dar voz e até uma certa autoria a classes até então sem grandes possibilidades de expressão.

Também em 1963, Becker publicou o seu trabalho *Outsider - Studies in Sociology of Deviance*. Nesta obra, o autor expõe as suas posições, formulando aquilo a que se denomina teoria da etiquetagem, teoria complexa, envolvendo várias dimensões do social. Especialmente conhecida é a sua análise dos processos sociais que levaram à promulgação do *Marijuana Tax Act*, que veio a proibir o consumo e comércio de marijuana. Ao longo do relato desse processo são referidas as intervenções de diversos grupos de pressão que tentaram remodelar a lei em favor dos seus interesses. Assinalam-se os procedimentos dos empresários da moral (indivíduos interessados, por razões éticas e morais, em afirmar uma dada imposição legal na sociedade) que desencadearam igualmente iniciativas de algum impacto, visando a adopção de posturas proibicionistas. Registando-se que, da mesma forma, apenas os consumidores não se conseguiram constituir como voz activa nesse processo.

Não nos interessa alongar as nossas considerações sobre estas vertentes da obra de Becker, já que para nós, é de suma importância um outro contributo do seu trabalho: a visão longitudinal com que encara o desenrolar do percurso do consumidor de marijuana e a proposta do conceito de carreira para a compreensão dos comportamentos desviantes.

A noção de carreira chama a atenção para uma série de obstáculos e etapas que preexistem às condutas do indivíduo. Por outras palavras: à semelhança de uma profissão normal, também as condutas desviantes definem trajetórias com as quais os indivíduos terão de se confrontar. A ideia de continuidade está igualmente presente: as posições sociais ocupadas sucessivamente por cada sujeito vão-lhe fornecendo um sentimento de pertença e de identidade, em tudo semelhantes a uma profissão normal (excepto pelo facto de serem malquistas no todo social).

Becker encara o envolvimento com a actividade de consumir marijuana como o percorrer de uma série de etapas. À boa maneira de Chicago (o autor pertence àquilo que se viria a chamar a segunda escola de Chicago) Becker tem laços pessoais com o mundo que pretende estudar, os músicos de *jazz*, uma vez que ele próprio já foi músico. Através da observação naturalista, conclui que o efeito da droga não é automático, mas antes resultante de uma aprendizagem com o grupo de pares, numa série de etapas:

- Contacto e aprendizagem técnica – nesta fase conhecem-se outros fumadores; sabe-se que os outros utilizam a marijuana para ‘planar’ - mas não se sabe o que tal significa. Assim, é necessário aprender a fumar como deve ser, o que acontece através da frequência de grupos ou por aprendizagem explícita com um padrinho individual. É graças a uma experiência colectiva que o noviço aprende a conhecer e dominar a sua própria dosagem.

- Aprendizagens cognitivas – para se sentir a substância são precisas duas condições: a presença do efeito e o seu reconhecimento. Muitos consumidores experimentam várias vezes até se sentirem bem, interrogam consumidores mais velhos para obter descrições das várias experiências, aprendem a reconhecer os efeitos da droga. Adquirem, portanto, um sistema de categorias que estrutura a percepção dos efeitos.

- Aprendizagem cultural – onde se aprende a gostar dos efeitos. Para o autor, o gozo dos efeitos da substância é construído a partir da interacção com o grupo de pares. A evolução de consumidor ocasional para consumidor regular depende do grau de envolvimento com a subcultura das drogas - a estabilidade dos fornecimentos é crucial nesse aspecto.

O estado de marijuana, que traduz o envolvimento regular com a substância, é o momento de máximo investimento na carreira - o indivíduo permanece praticamente a tempo inteiro sob acção da substância. Becker propõe aqui um olhar longitudinal sobre as condutas desviantes que potencia as biografias. Sem contudo, chegar a utilizá-las de um modo sistemático ou exclusivo.

Afirmamos todavia que a sua proposta é próxima das histórias de vida: a noção de carreira é, ela própria, uma biografia de uma dimensão específica da vida do indivíduo.

Dimensões heurísticas das biografias

Autores de língua francesa interessaram-se por sistematizar dimensões metodológicas e heurísticas das abordagens biográficas, dedicando-se preferencialmente a explorar a influência do *setting*; os fenómenos de reconstrução do passado; os esquecimentos colectivos (p.e. os alemães tendem a esquecer-se do período nazi) e os possíveis significados desses fenómenos. Citámos já o caso de Bertaux, que é o mentor principal do ressurgimento das perspectivas biográficas francófonas. Referimos, inclusive, um episódio do seu desenvolvimento pessoal e intelectual. É com este autor que o sujeito - na sua vertente de praxis e de produtor de significados - se coloca no cerne da investigação (Balandier, 1983).

Bertaux (1989) defende que, através das histórias de vida, podemos não só aceder à subjectividade mas também às dimensões culturais e sociais em que a experiência dos indivíduos se constrói. A díade psico-social aqui expressa é igualmente defendida por Ferraroti

(1983), ao encarar o comportamento humano como uma síntese horizontal de uma estrutura social. Este autor vê, por isso, a história de vida como um reflexo de estruturas sociais que importa conhecer. A aplicação das histórias de vida integra-se, assim, num movimento de âmbito geral que favorece a recolha de testemunhos directos junto de muitos indivíduos e que dá conta de um crescimento progressivo do interesse nas condições e formas culturais de diversas populações minoritárias ou mesmo classes sociais desfavorecidas ou ultra-desfavorecidas.

Poirier, Clapier-Valladon & Raybant (1995) notam mesmo um interesse na recolha directa de testemunhos em domínios tão díspares como a história, a psicologia, a sociologia e até a literatura. Uma reacção ao amplo domínio das correntes positivistas não é de todo descartável na compreensão deste ressurgimento. Plummer (1983) produz uma obra abrangente sobre as perspectivas biográficas, alargando o seu âmbito ao estudo dos documentos de vida – o que engloba correspondência, fotografias, registos orais, testemunhos etc.

Acompanhando este interesse crescente pelas histórias de vida, um sem número de autores lançou-se em reflexões sobre as limitações e potencialidades do método. Assim, Augé (1998) chama a atenção para o perigo do relato de uma vida (do sujeito ou mesmo colectiva) se poder constituir como ficção. Recontar uma história é também reconstruí-la na relação com o interlocutor e na relação consigo mesmo pelo que o esquecimento surge assim como um requisito indispensável para que essa operação de reconstrução de um todo se torne possível.

Mas a questão da confirmação e da profundidade dos dados permanece por responder. Denzin (1989), no entanto, confronta a questão da verdade na biografia de forma curiosa, desdobrando em níveis de complexidade o relato das trajectórias dos indivíduos:

- Nível dos factos – nele são referidos episódios que se pensa terem ocorrido ou irão ocorrer;
- Nível das facticidades – que engloba o modo como os indivíduos experienciam e vivenciam esses factos;
- Nível da ficção, ou da narrativa – onde se reorganizam os factos e as facticidades – reais ou imaginários – numa coerência significativa.

Estamos em crer que a divisão, se bem que utilíssima na tentativa de compreensão da natureza dos dados recolhidos, é dificilmente destrinchável na prática, pois as fronteiras são ténues entre o que acontece e o que é vivido; entre o que é vivido e o que é organizado numa história.

Esta dificuldade pode ser minimizada, contudo, através da diversificação de fontes. Os testemunhos do ‘autobiografado’ podem ser confrontados com factos históricos, demográficos ou de outra natureza. Podem ainda, ser completados com entrevistas realizadas a pessoas



próximas - familiares, amigos e mesmo terapeutas ou médicos. Outros investigadores preferem valorizar este enviesamento das informações como um dado que pode ser significativo em si mesmo.

O estudo de Catani & Mazé (1982) ou o de Pineau & Marie Michele (1983) são exemplos de autobiografias de caso único, com detalhe exaustivo de dimensões sociais. A técnica de recolha dos dados foi aplicada a diversas fontes, sendo que a própria autoria das obras foi compartilhada entre os investigadores e as autobiografadas.

Abordamos assim um tema importante: o levantamento das possibilidades técnicas das histórias de vida. A obra de Poirier *et al* (1995) é especialmente ilustrativa desta vertente mas listemos também algumas alternativas: a biografia directa e a indirecta (conforme for recolhida junto do próprio ou socorrendo-se de dados indirectos); a especializada num tema ou exaustiva; a de caso único ou a denominada história de vida cruzada.

Quanto aos *settings* de recolha de dados, eles podem ser a entrevista singular ou a discussão de grupo, ocorrer no âmbito de uma entrevista clássica, ou de um encontro naturalista de inspiração etnográfica. Podem ainda, optar pela unicidade do testemunho ou a criação de dispositivos de verificação (é nossa opinião que, no caso das histórias de vida cruzadas, a acumulação de testemunhos fornece em si mesma uma dimensão verificativa, pois o enviesamento de uma dada informação individual é diluída no conjunto dos materiais recolhidos).

Os estudos referidos até agora são, se os relemos a partir desta pluralidade técnica, ilustrativos da variedade dos *designs* metodológicos das histórias de vida. As aplicações da abordagem biográfica à investigação da toxicod dependência, que mais tarde passaremos em revista, fornecerão mais alguns exemplos.

Abordagem biográfica e psicologia

Vimos até agora as histórias de vida como método, e até como formulação teórica, a serem desenvolvidas por duas ciências – a antropologia e a sociologia. Teremos oportunidade de observar que, actualmente, o seu uso expandiu-se exponencialmente para as mais variadas disciplinas, desde a criminologia, à reflexão sobre dimensões familiares, económicas e outras. Cumpre-nos agora fazer breves considerações sobre a relação entre abordagem biográfica e psicologia.

O que surpreende à primeira vista é o facto de um método que privilegia a captação do sentido das práticas individuais (Bertaux, 1989) ter sido ignorado durante tanto tempo pela ciência que se reclama do psiquismo. Há um grande abismo entre o trabalho clínico do psicólogo e a investigação marcadamente positivista que tem sido feita e assim o interesse pela

história clínica de um paciente não tem feito escola de investigação, ou seja não se tentou compreender lógicas biográficas para além da dinâmica de sintomas e de complexos que repercutiriam na existência do sujeito.

No entanto, desde os princípios da ciência, grandes avanços foram conseguidos através da observação de casos isolados, desde Piaget com os seus filhos, a Watson, com o condicionamento do pequeno Alberto. Refira-se também o célebre caso das entrevistas a Glória, conduzidas por Rogers, Pearls e Ellis que ilustram a riqueza que as dimensões qualitativas podem ter. Genericamente, podemos também constatar que o relato e reflexão de casos clínicos fez sempre parte do funcionamento de muitas instituições.

Poirier *et al* (1995) referem existir orientações psicobiográficas sempre que, na recolha de dados, há um *'fazer reflectir o narrador sobre o seu próprio discurso'* (op cit, p.29). Neste sentido, interrogamo-nos se qualquer narração não é também uma reflexão sobre si e se não é, de algum modo, um rearranjo psicológico. Estamos próximos de Touraine (1992), ao defender que a eleição do sujeito, produtor de sentido, como cerne de pesquisa das ciências sociais e humanas – agente que reflecte e age sobre si – representa uma possibilidade dourada de reaproximação entre as várias ciências que dividiram por eles próprios o que porventura não é divisível – a realidade.

Alguns psicólogos, mormente Legrand (1993), atentos às potencialidades destes métodos principiaram a ensaiar uma intervenção psicológica de inspiração biográfica. Este autor adverte, inclusive, para o facto do psicólogo se poder tornar um sócio-analista. Se a afirmação é um pouco radical (i.e. ao falarmos de dimensões somáticas e corporais seríamos analistas de dimensões biológicas?) tem contudo o mérito de chamar a atenção para o carácter cada vez mais pluridisciplinar da investigação contemporânea.

Concomitantemente a estas importações sócio-antropológicas; a psicologia, ela própria, tem vindo a desenvolver uma compreensão narrativa de cariz constructivista sobre o seu objecto de estudo. Gonçalves (2000) refere os trabalhos de Sarbin (1986), Polkinghorne (1986) e Bruner (1986) como sendo os fundadores desse movimento.

A psicologia narrativa lida com a dimensão ficcional das histórias de vida, para usarmos o termo de Denzin (1989). A intervenção clínica narrativa visa, exactamente, o modo como os sujeitos constroem a experiência. Trata-se de privilegiar dimensões como a autoria e a complexidade da narrativa efectuada pelos indivíduos.

Defende-se, nestas correntes, que a narrativa é uma produção discursiva de natureza interpessoal, ou seja: as produções de sentido de um indivíduo não são só dele. Tal posição aproxima-se das propostas biográficas que apresentámos, e até da tradição de Chicago, que advogava posições semelhantes no início do século XX.

É curioso verificar a defesa que Gonçalves (2000) faz da transformação do objecto da

psicologia da esfera individual para a interpessoal. Encarar-se as condutas ao longo do tempo do indivíduo permite a aproximação do psiquismo a outras esferas e, por consequência, a diluição das demarcações da psicologia em relação a outras ciências. Nesta corrente, observamos igualmente um fenómeno que é comum a diversas disciplinas: os seus entrecruzamentos e aproximações.

É como se déssemos agora conta que o final do século XIX dividiu demasiadamente o mundo para o estudar. A fragmentação disciplinar não nos dá conta da globalidade das coisas. Precisamos encontrar, novamente, a totalidade.

Escola biográfica, método biográfico?

Poderíamos acrescentar interrogações: escola, método? e de que disciplina? antropologia, sociologia... ou psicologia? Não temos respostas para essas interrogações. Os projectos de investigação, actualmente, são cada vez mais heteróclitos. A reflexão metodológica faz-se a propósito dos objectivos e não é um *a priori* que se lhes afixa.

A definição e condução das *démarches* científicas parece ser o mais importante. Sectores de ponta de cada disciplina reconhecem proximidades em relação a outros: as fronteiras são ténues, os objectos são definidos como entrando em contacto com objectos de outras ciências (no limite não há um objecto, mas o objecto é criado por uma dada linguagem científica). Enfim, isto não é nada que os epistemólogos não tivessem já reflectido – consulte-se p. e. Serres (1967).

A investigação biográfica, ou do tipo biográfico, é especialmente ilustrativa desta combinação de saberes e práticas. Ela desenvolve-se nos interstícios das disciplinas tradicionais.

Investigação biográfica das toxicodependências

Em nossas investigações anteriores (Tinoco & Fernandes, 2002; Tinoco, 2000) dedicámo-nos já a este entrecruzamento. Denominámos essa reflexão de *etnobiografias* - com efeito estas metodologias foram aplicadas esmagadoramente em contextos de observação naturalista. Não é difícil entendermos o motivo deste facto: além de, historicamente, a relação com a investigação de campo se ter entrelaçado desde as origens do método, o próprio estudo das populações ocultas (Fernandes & Carvalho, 2000) impõe especificidades que são necessárias ter em atenção.

O facto do consumo de drogas ser considerado um acto ilegal faz com que se criem populações refractárias às técnicas mais comuns de controle social. A falência do uso de questionários para avaliação de dimensões vivenciais de *junkies* é defendida por um certo número de autores (Ingold & Toussirt, 1997; Manita, 1996). Logo, a compreensão da

emergência de algumas regularidades epidemiológicas só pode ser alcançada lançando mão de um olhar mais próximo dos fenómenos e das práticas de consumo.

Paralelamente ao uso tradicional das biografias ou de biografias parcelares, em contextos naturalistas, assistimos à utilização do método em contextos mais clássicos. O uso de entrevistas face a face, gravadas em gabinete, passou a ser uma possibilidade quer nas ciências humanas e sociais em geral, quer na compreensão das trajectórias de consumidores em particular - caso das investigações de Faupel (1991) e Macquet (1992). Recordemos o facto que também nas investigações que privilegiaram a observação naturalista, a utilização de entrevistas não ser excluída (Grapendaal, Leuw & Nelen, 1995).

Privilegiaremos o estudo dos objectivos e das questões metodológicas das investigações que passaremos em revista.

Biografia e regularidades quantitativas

Os trabalhos da equipa de Ingold fornecem uma possibilidade de articulação entre métodos qualitativos, como é o caso das biografias, e os métodos quantitativos. Ingold, médico francês director do IREP (*Institute de Recherche Epidemiologique de la Pharmacodépendance*), tem como uma das suas preocupações a conexão dos métodos quantitativos com os qualitativos; uma segunda preocupação, não menos importante, advém da procura do envolvimento das pesquisas etnográficas na acção, especialmente nas intervenções de prevenção do SIDA realizadas na rua.

Esta última motivação de Ingold é especialmente interessante, pois permite a adaptação das campanhas de prevenção a segmentos particulares da população que, de outra maneira, não seriam conhecidas ou intervencionadas. O IREP possui uma série de investigadores de campo que passam largas horas no *Quartier Latin* e noutras zonas problemáticas da cidade com o objectivo de conseguir estabelecer uma comunicação autêntica com os sujeitos. Garantir o acesso a esses grupos nunca é uma conquista definitiva ou linear: serão necessárias renegociações constantes, assim como um demorado e constante investimento temporal.

Para este tipo de estudos, o critério de amostragem não é quantitativo, baseia-se na chamada técnica da bola de neve: o etnógrafo deverá passar longas horas no terreno até que surja um primeiro contacto, que deverá ser espontâneo e não forçado. Procura-se então estabelecer um contacto de investigação - esse sujeito pode-se ou não tornar o informante privilegiado, poderá aceitar indicar outros possíveis contactos para entrevistas.

O IREP está ligado a institutos semelhantes, sedeados noutras cidades francesas, integrando o chamado projecto multi-cidades que, garantindo um permanente acesso ao terreno e a constante recolha de dados, permite a realização rápida de investigações sobre os mais

diversos aspectos dos meios sociais sob observação.

Constatou-se a existência de uma numerosa franja da população consumidora, extremamente marginalizada, que desconhece a existência de serviços especializados de cuidado a toxicodependentes - para eles, a principal esfera socializadora tende a ser a prisão. A equipa referencia mesmo casos de assaltos a casas, em que o assaltante deixa pistas para ser detido, configurando assim um modo peculiar que certos indivíduos engendraram para controlar os seus consumos.

Esta linha de projectos permitiu a avaliação do impacto dos programas de distribuição de seringas, chegando à conclusão que a distribuição de seringas, só por si, é insuficiente. É certo que uma percentagem importante da população mudou de hábitos, muitos consumidores passaram a utilizar seringas esterilizadas, mas verificou-se que continuavam a partilhar o resto do material necessário à preparação de um “chuto”.

A que se deve isso? Ao desconhecimento que muitos consumidores têm dos procedimentos de descontaminação do material de injeção; ao facto de comprar a droga a meias facilitar a aquisição e poder, inclusive, fazer reduzir o preço de compra do produto, mas favorecer igualmente o consumo partilhado. Acresce a isto o facto de, com o tempo, se ter alastrado a crença de o HIV poder ser evitado, mas não a hepatite C – que passou a ser encarado como “normal” num toxicodependente. A mudança das práticas de consumo poderá explicar estas modificações epidemiológicas... (consulte-se os trabalhos até aqui citados e especialmente Ingold *et al*, 1991).

O exemplo do diálogo entre métodos é bem visível neste caso. Há também um exemplo desta articulação numa investigação portuguesa - o projecto Droga e Crime, conduzido pela equipa de investigadores do Centro de Ciências do Comportamento Desviante da FPCE da Universidade do Porto (Manita, 1996; Matos & Agra, 1996; Manita *et al* 1996, entre outros).

A constatação de uma regularidade quantitativa - a elevada percentagem de consumidores detidos não pôde ser interpretada como um facto isolado. A aplicação de outras técnicas, nomeadamente, o levantamento das trajectórias desviantes com o uso da técnica da biografia reconstruída, permitiu compreender a complexidade envolvida nesta co-ocorrência.

À primeira impressão, poderíamos cair na tentação positivista do tipo: a droga causa o crime. Um olhar mais demorado e criterioso permitiu destrinçar tipos de trajectórias, padrões diferentes no entrelaçamento dos dois grupos de comportamentos. Vejamos:

- Delinquente toxicodependente - contempla indivíduos em que a actividade criminal antecede claramente os consumos. O uso de drogas é um elemento expressivo num modo de vida criminoso.
- Tipo droga crime - engloba indivíduos em que as duas actividades surgem

interrelacionadas, não se observando uma primazia clara de qualquer uma delas sobre a outra.

- Toxicodependente delincente - engloba indivíduos em que os consumos antecedem em muito a actividade criminal. Quando ela surge não é especializada, conduzindo a problemas com a justiça muito mais rapidamente do que nas outras duas figuras.

Constatou-se, assim, que a figura predominante nas prisões portuguesas é a do delincente toxicodependente. Na maior parte dos casos analisados pelo método da biografia reconstruída, a actividade criminal antecede a dos consumos (consulte-se a síntese - Agra, 1996).

Rotas de tratamento e de consumos

Romaní (1995; 1991), através de recolha de dados em meios naturalistas, utilizando sempre que possível uma visão longitudinal das condutas de heroinómanos, tentou estudar os percursos assistenciais de toxicodependentes em vias de tratamento. Usando essas metodologias chegou a uma tipologia de consumidores de interessante validade:

- Heroinómano de ideologia nuclear - justifica o início dos consumos como uma escolha e foi-se organizando em sua função. Cultiva uma imagem contracultural, filosófica até, comum nos anos 70.

- Heroinómano traficante pária - também surge nos anos 70; a sua relação com as drogas terá grande dimensão de clandestinidade e criminalização; à inadaptabilidade social que estes indivíduos vivem desde a nascença, soma-se a vertente do consumo de drogas.

Nos anos 80, surgiram duas figuras de carácter distinto, mas cujo paralelismo com as anteriores é incontestável:

- Adolescente socialmente conflituoso - normalmente oriundo dos bairros ou zonas marginalizadas das cidades, é um adolescente infrassocializado, onde o consumo de substâncias é apenas mais um acto num conjunto mais vasto de atitudes desviantes.

- Heroinómano 'filho do papá' - um adolescente sem carências sociais, sem frustrações quotidianas; busca mais e melhores experiências, tem certos ares de postura ideológica, mas não tão consistentes como na figura da ideologia nuclear, pois apenas possui um certo halo pseudo cultural.

Esta tipologia ajuda a compreender certos percursos sociais de consumidores, ao mesmo tempo que dá conta de uma certa mudança dos actores deste submundo das drogas.

Pallarés (1995), que aliás trabalhou na mesma equipa de Romaní, quis estudar o percurso biográfico de consumidores de longa data que de alguma maneira quebraram muitos laços de

ligação à sociedade normativa - a figura que vulgarmente se denomina de *junkie*. O autor utilizou inclusive os mesmos dados recolhidos para o estudo de Romaní (1991) e realçamos este facto, porque queremos sublinhar a riqueza que o material recolhido em entrevistas pode ter, o que faz com que seja comum que um investigador, depois de ter conduzido a sua análise de conteúdo, fique com a impressão de não ter esgotado a complexidade dos dados que recolheu.

Pallarés procura tornar claro as várias etapas percorridas por um consumidor do tipo *junkie* desde a iniciação, os seus contextos de consumo, a relação com as substâncias, a gestão dos consumos, as actividades utilizadas para obter a substância e até mesmo o tipo de relação estabelecida com a agulha. Mais uma vez, se suspende um juízo moral sobre as práticas e opiniões dos indivíduos, para se centrar no modo como os próprios *junkies* julgam e explicam as suas histórias. A biografia é temática e parcelar, pois centra-se numa dimensão específica da vida dos indivíduos.

O uso de uma perspectiva biográfica na investigação de trajetórias desviantes tem importantes consequências para o funcionamento e aperfeiçoamento do próprio dispositivo sanitário. Algumas destas investigações puseram-nos em contacto com franjas de população de consumidores dificilmente conhecidas de outro modo.

Biografias e a técnica da bola de neve

A técnica da bola de neve assume diversas características e é uma especialidade etnográfica, onde se aplicam perspectivas biográficas com alguma regularidade (Ingold *et al* 1991; P. Cohen, 1990). Sem querer entrar em detalhes metodológicos, poderemos explicar sucintamente a técnica: um informante acede à participação numa entrevista, a partir dele são sinalizados e convidados a testemunhar novos sujeitos.

A investigação envereda, pois, por mundos sociais e acede a sujeitos que de outra forma, nunca teriam honras de objecto de estudo científico. P. Cohen (1990) utiliza a técnica no contexto etnográfico mais clássico - o informante é conhecido através de presença no campo. Fernandes & Carvalho (2000) propõem a utilização de iniciadores de cadeias, através de conhecimentos obtidos pela própria equipa que participa no projecto. O contexto de observação naturalista não é importante nesta investigação, assiste-se, pelo contrário, a uma proposta de aplicação da técnica em independentemente de contextos etnográficos bem definidos no espaço urbano.

Gamella (2001) combina um interesse biográfico com uma, poderíamos dizer, dimensão sócio-antropológica. A introdução da prática de consumir heroína injectada num bairro de Madrid é o objectivo do investigador. São exploradas as iniciações com a agulha - e especialmente a questão de quem introduziu quem. O levantamento sistemático desse tipo de informações, permitiu compreender o modo como a prática se alastrou através de redes de

contacto informal.

Em suma: fazer o sujeito relatar e reflectir sobre os seus comportamentos e atitudes revela-se um procedimento que permite as mais diversas combinações metodológicas, servindo por isso uma série de objectivos diferentes. Entrámos, assim, em contacto com algumas propostas que potenciam as redes de suporte social dos entrevistados, para alargar e aprofundar o âmbito dos dados recolhidos.

Biografia em contextos clássicos

A utilização de uma perspectiva biográfica também tem sido aplicada no contexto mais clássico de uma entrevista semi-estruturada, no *setting* mais comum de um gabinete. Penneff (1990) defende a superioridade dos dados recolhidos em contexto natural, sobre este tipo de dados mais ‘artificiais’. No entanto, seguimos a opinião de Silverman (1993) quando advoga que não há dados intrinsecamente melhores que outros. Para cada caso, teremos de reflectir sobre a qualidade do material recolhido e sobre o poder interpretativo do dispositivo de análise que sobre eles é aplicado.

Alguns autores estudaram variadas dimensões da toxicoddependência, utilizando o dispositivo de recolha de dados que acabámos de enunciar. Faremos ainda notícia de dois trabalhos que se diferenciam entre si nos métodos, objectivos e tradições teóricas em que se inserem – a francófona e a anglo-saxónica.

Macquet (1992), o nosso autor de língua francesa, utiliza uma perspectiva biográfica que privilegia as dimensões familiares. Trata-se de compreender em que medida a história familiar pode explicar ou condicionar o tipo de padrão de consumos que surge numa dada biografia. O autor faz uso de uma série de estudos de caso único.

Faupel (1991), pelo contrário, usou histórias de vida cruzadas. O objectivo do seu projecto foi o estudo do nexa droga/crime numa população de consumidores da América do Norte. O conceito central do seu trabalho é o de carreira - uma noção anteriormente aplicada ao estudo dos comportamentos desviantes por Becker (sobre a distinção entre as noções de carreira e de estilo de vida consulte-se Brochu, 1996).

Em suma: a perspectiva biográfica pode ser-nos útil aqui, pois possibilita um olhar diferente em contextos tradicionais.

A toxicoddependência como uma biografia

Um sem número de autores tem vindo a aplicar o método biográfico (ou pelo menos uma perspectiva biográfica) ao estudo da toxicoddependência. Conhecemos, nos trabalhos de Ingold,

Faupel ou Romaní, p. e., as trajetórias de consumo de toxicod dependentes mais refractárias aos métodos de investigação comuns.

Todas as investigações que referimos operam um deslocamento de perspectiva: elegem como objecto de estudo o modo como os indivíduos encaram as suas próprias práticas. Tal inversão de ponto de vista possibilitou uma linha de investigação de inegável riqueza - porque construída a partir do que os sujeitos relatam e não apesar do que dizem.

Encarar a toxicod dependência como um processo que se estende ao longo de um percurso de vida é pretender uma abordagem psico-social. O psiquismo está em constante mutação: o contacto com os outros actualiza determinadas dimensões em detrimento de outras. O indivíduo recria em si o mundo, ao mesmo tempo que é estrangido por ele.

É este o desafio e o espaço de entrecruzamento de saberes.

BIOGRAFIA

- Agra, C. (1996). Síntese integrativa. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares. Vol. XV*. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).
- Allport, G. W. (1942). *The use of personal documents in psychological science*. New York: Social Science Research Council.
- Allport, G. (1965). *Letters from Jane*. New York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Augé, M. (1998). *Les formes de l'oubli*. Paris: Éditions Payot & Rivages.
- Balandier, G. (1983) Prefácio In F. Ferraroti. *Histoire et histoire de vie - la methode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Libraire des Meridiens.
- Becker, H. S. (1963). *The Outsiders - Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press of Glencoe, Inc.
- Bertaux, D. (1989). Les récits de vie comme forme d'expression, comme approche et comme mouvement (pp 17-38) In G. Pineau & G. Jobert (Ed.) *Histoire de vie - utilisation pour la formation vol 2*. Paris: L'Harmattan.
- Brochu, S. (1996). *A Investigação sobre a relação droga crime na América do Norte*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares. Vol. III*. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante Universidade do Porto (policopiado).
- Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible words*. Cambridge: Harvard University Press.
- Catani, M. & Mazé, S. (1982). *Tante Suzane - une histoire de vie sociale*. Paris: Libraire des Méridiens.
- Cohen, P. (1990). *Drugs as a social construct*. Utrecht: Elinkwijk.
- Cohen, S. (1994). *Folk, devils and moral panics*. Oxford: Backwell Publishers.
- Denzin, K. (1989). *Interpretative biography*. London: Sage Publications.
- Digneffe, F. & Becker, M. (1997). Do indivíduo ao social: a abordagem biográfica (pp. 203-245) In *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Dominicé, P. (1996). *L'histoire de vie comme processus de formation*. Paris: Éditions Harmattan.
- Faupel, C. E. (1991). *Shooting dope - career patterns of hard-core heroin users*. Gainesville: University of Florida Press.
- Fernandes, L. & Carvalho, M. C. (2000). Onde anda o que se oculta: o acesso a mundos sociais

- de consumidores problemáticos de drogas. *Toxicodependências*, 6, 3, 17-28.
- Ferraroti, F. (1983). *Histoire et histoire de vie - la methode biographique dans les sciences sociales*. Paris: Libraire des Meridiens.
- Gamella, J. (2001). Comunicação pessoal uma aula de mestrado
- Gonçalves, O. F. (2000). *Viver narrativamente - A psicoterapia como adjectivação da experiência*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Grapendaal, M.; Leuw, E. & Nelen, H. (1995). *A world of opportunities - Lifestyle and economic behavior of heroin addicts in Amsterdam*. New York: State University of New York.
- Hammersley, M. (1989). *The dilemma of qualitative method - Herbert Blumer and the Chicago tradition*. London: Routledge.
- Hannerz, U. (1986). *Exploración de la ciudad - Hacia una antropologia urbana*. Mexico: Fondo de cultura Economica.
- Ingold, F. R. & Toussirt, M. (1998). *Le cannabis en France*. Paris: Anthropos.
- Ingold, F. R. & Toussirt, M. (1997). Les attitudes et les pratiques des usagers de drogues confrontés aux risques de contamination par le virus de l'immunodéficience humaine (VIH) et les virus des hépatites B et C. *Bull. Acad. Natle. Med.*, 3, 555-568.
- Ingold, F. R.; Toussirt, M.; Petit, F. & Coubesque, A. M. (1991). *Méthode et histoire - apport des sciences de l'homme et de la société à la comprehension des drogues et des substances psychoactives*. Paris: IREP.
- Legrand, M. (1993). *L'approche biographique*. Marseille: Hommes et Perspectives.
- Lewis, O. (1961). *The Children of Sanchez*. Paris: Gallimard, 1993.
- Macquet, C. (1992). *Toxicomanies et formes de la vie quotidienne*. Liège: Mardaga Éditeur.
- Manita, C. (1996). As interrelações droga-crime: as dimensões da personalidade e acção. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. X. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Manita, C.; Negreiros, J. N & Agra, C. (1996). *Determinações e significações da relação Droga - Crime*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XI. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Matos, A. P. & Agra, C. (1996). *Trajectórias desviantes*. In C. Agra (Ed.) *Projecto droga e crime - Estudos interdisciplinares*. Vol. XIV. Porto: Centro de Psicologia do Comportamento Desviante da Universidade do Porto (policopiado).
- Neves, T. (1997). *Mayhew, Shaw and the use of life histories for the study of delinquency and*



- marginality*. London: Goldsmiths College (unpublished).
- Pallarès, J. (1995). *El placer del escorpión - Antropología de la heroína y los yonquis*. Lleída: Editorial Milenio.
- Peneff, J. (1990). *La méthode biographique - De l'École de Chicago à histoire orale*. Paris: Armand Colin.
- Pineau, G. & Le Grand, J. L. (1993). *Les histoires de vie*. Paris: Press Universitaire de France.
- Pineau, G. & Marie-Michele (1983). *Produire sa vie, autoformation et autobiographie*. Montreal: Ed. Albert Saint Martin.
- Plummer, K. (1983). *Documents of life - an introduction to the problems and literature fo a humanistic method*. London: George Allen & Unwin.
- Poirier, J.; Clapier-Valladon, S. & Raybant P. (1995). *História de vida, teoria e prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Politzer, G. (1928). *Crítique des fondements de la psychologie*. Paris: PUF. Edição portuguesa, 1975: Lisboa: Editorial Presença.
- Polkinhorne, D. E. (1986). *Narrative knowing and the human sciences*. Albany NY: Suny Press.
- Romaní, O. (1995). Intervención comunitaria en drogodependencias - Etnografía y sentido comun. *Toxicodependências*, 2, 33-46.
- Romaní, O. (1991). *Drogodependientes: Circuitos informales y procesos de integración social*. Barcelona: IRES-PNSD.
- Sarbin, T. (1986). The narrative and the root metaphor for psychology. In T. Sarbin (Ed.) *Narrative Psychology*. New York: Praeger.
- Serres, M (1967). *A comunicação*. Lisboa: Edições Rés.
- Shaw, C. (1930). *The Jack Roller- a deliquent boy's own story*. Edição consultada de 1966. Chicago: University of Chicago Press.
- Silverman, D. (1993). *Interpreting qualitative data - methods for analysing talk, text and interaction*. London: Sage Publication.
- Sutherland, E. (1937). *The professional thief – Annotated and interpreted by Edwin Hardin Sutherland*, 1989. Chicago: Chicago University Press.
- Tinoco, R. (2000). *Vivências de si na toxicodependência - Análise qualitativa de relatos de heroinómanos recolhidos em meio institucional*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto.
- Tinoco, R. & Fernandes, L (2002). *Vivências de si na toxicodependência – análise qualitativa de*



heroinómanos recolhidos em contexto institucional. *Psicologia, teoria, investigação e prática, 1, 3-17.*

Tinoco, R. & Pinto, S. (2001). Abordagem biográfica das toxicodependências - o biograma como instrumento de intervenção clínica. *Toxicodependências, 7, 1, 17-22.*

Touraine, A. (1992). *A Crítica da Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Vassilef, J. (1995). *Histoire de vie et pedagogie du projet*. Lyon: Chronique Social.

